

# Poéticas no contágio: grupos e as janelas (na pandemia)

## Poetics in contagion: groups and windows (in the pandemic)

**Resumo:** Durante a pandemia de covid-19 um seminário on-line foi realizado a partir do conceito-disparador de “poética no contágio”, pensando literalmente a circulação de produções poéticas durante um período de alto contágio do novo vírus e, evidentemente, de inauguração de um confinamento em escala mundial. Em meio a esta realidade incitamos a emergência dos grupos e das coletividades como tema de pesquisa, e abrimos nossas telas como se elas fossem, na verdade, janelas. Este ensaio narra realizações durante um pós-doutorado e as continuidades de uma pesquisa que aprende da análise institucional e inventa articulações possíveis entre a produção estético-política e a pesquisa acadêmica.

**Palavras-chave:** Poética; Contágio; Pesquisa; Grupo; Janelas.

**Abstract:** During the COVID-19 pandemic, an online seminar was held based on the triggering concept of “poetics in contagion,” literally thinking about the circulation of poetic productions during a period of high contagion of the new virus and, evidently, of confinement on a world-scale. In the midst of this reality, we incite the emergence of groups and collectivities as a research topic, and we open our computer screens as if they were, in fact, a neighbour’s windows. This essay narrates achievements during a postdoctoral fellowship and the continuities of research that learns from institutional analysis and invents possible articulations between aesthetic-political production and academic research.

**Keywords:** Poetics; Contagion; Research; Group; Windows.

Venha, se sente por aqui  
Hoje temos que conversar  
Sobre assuntos bons  
Sobre tudo de bom  
Vem me dizer  
Como foi me encontrar  
Vem me contar  
Como foi bom pra você  
Seus olhos dizem que sim  
Diz pra mim que me quer  
Mesmo que não possa dizer  
Não ache que eu  
Não sei entender  
Quando você  
Finge que se distrai  
Só pra poder  
Me ver um pouquinho mais  
Bom que também posso ver  
Trança o cabelo  
Trança o cabelo  
O cabelo  
O cabelo  
Ah<sup>1</sup>

Assuntos bons, Dônica

[1] Vídeo da música disponível em: <https://youtu.be/>

Em 2018, volto a morar em Porto Alegre, como parte do meu pós-doutorado no Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da UFRGS. Cartografia de um retorno, suas andanças e mudanças. Eu havia ficado 13 anos fora da cidade. Volto ao prédio onde fiz minha graduação e descubro algo que se tornará muito significativo: já não há um café no prédio.<sup>2</sup> Quando eu estudava lá na graduação, o café ficava no último andar do edifício. Imediatamente me pergunto: onde se encontram as pessoas que ali estudam?

[2] Sim, sempre há um café, uns vão dizer... o café do outro lado da rua é “nosso”, mas é do outro lado da rua.

[3] Pesquisa financiada pela CAPES, no programa PNPD. Supervisão de Maria Amélia Bulhões. O vínculo aconteceu entre Abril de 2018 e Fevereiro de 2023.

Como pós-doutoranda,<sup>3</sup> eu podia oferecer disciplinas em caráter eletivo, com temas diversos, assim que minha pesquisa doutoral e meus interesses poderiam ser casados com os interesses dos demais pesquisadores em processo de formação na pós-graduação. Dando continuidade ao conteúdo que eu havia partilhado nos semestres anteriores, sobre análise e crítica institucional, metodologias de pesquisa e estudos da subjetividade, ao final de 2019, elaborei o programa do que seria a quarta disciplina ministrada por mim na pós-graduação, uma disciplina voltada a pensar agenciamentos grupais: *Produzir, provocar, analisar e agenciar grupos* (2020/01). No semestre seguinte ministrei uma re-edição, um pouco diferente da primeira, *Processo grupal e Produção estética* (2020/02).

A mobilização de tal conteúdo reverberava em minha pesquisa doutoral, assim como as experiências de teatro de improvisação e processos grupais dos anos recentes (Ribas e Icó, 2019), numa mistura de metodologias de pesquisa situadas (pesquisa ação e pesquisa militante), artes visuais, linguagens da performance e a “pesquisa em ato” (Ribas, 2019), assim como a improvisação e o imprevisto (Ribas e Cobo-Guevara, 2020). Após um ano vinculada ao programa como pós-doutoranda, eu já me sentia capaz de fazer alguns diagnósticos que alimentavam a motivação de trabalhar com conteúdos e práticas grupais naquele programa de pós. A motivação para ofertar disciplinas para pensar processos grupais também advinha de alguma sensação de desagregação relatada pelos discentes, e a inexistência um espaço comum ou “transversal” no qual pesquisadores pudessem conhecer e estabelecer afinidades entre as pesquisas e as produções artísticas em curso, para além das disciplinas ofertadas. Os relatos dos pesquisadores dividiam a percepção de que havia uma dificuldade de compreensão coletiva da experiência da pós-graduação e, ainda, de que esta “desagregação” reverberava inclusive na dificuldade

dos discentes de se posicionarem e dialogarem sobre as condições institucionais de sua formação. Evidentemente que eu indagava (ou poderia ser indagada) sobre de que *lugar* eu poderia dar suporte para um pensar sobre os processos coletivos, ao que eu estaria pronta para responder: de um lugar distribuído, de um agenciamento coletivo aberto, ao qual eu poderia contribuir com minha experiência institucional nesta e em outras instituições e, por fim, com o investimento implicado em uma pragmática coletiva que pudesse criar condições de trabalhar, no cotidiano daquela vida institucional, aqueles conteúdos, percepções e acontecimentos.

Ampliando a análise, é preciso afirmar que no contexto da pós-graduação uma das motivações a pensar em processo grupal acontece, sem dúvida, pela compreensão de que o modelo de produção da pesquisa acadêmica - além da separação em áreas do conhecimento -, o foco na produtividade do indivíduo acaba por produzir diversas formas de alienação. Tendência à individualização que os grupos de pesquisa vem, felizmente, procurar reverter. Na percepção desta individualização emergiram, ao final de 2019 durante meu pós-doc, perguntas-disparadoras: *o grupo está em falta no contexto da arte contemporânea?, faltam grupos?; o que grupos e coletivos agenciam, permitem, transformam?; a partir de onde falo de grupo?; o que poderia mudar tanto na pesquisa em artes como nos acontecimentos das práticas artísticas se produzíssemos mais a partir de concepções de grupo e coletivo?*

Pode-se dizer que a experiência da pesquisa e do ensino na universidade é, evidentemente, em grande parte grupal, mas a coletividade não está “garantida”. Ela tem que ser reposta, a cada momento. E como nota metodológica, é importante ressaltar que quando busco trabalhar o grupo, a grupalidade ou as coletividades isto não acontece, de forma alguma, como totalização ou “estabilização”

de uma forma. Por “recolocar a coletividade” quero dizer que se trata de inaugurar situações para nos dedicarmos a pensar os processos grupais junto à formação. Coletividades e processos grupais têm a capacidade de perturbar a autoria e o fechamento àquilo que é próprio por apresentar alguma fluidez do tipo das coisas impessoais, diferentes, estranhas, novas. Processos grupais podem fazer reconhecer um espaço para o que é comunal e para o que trazemos de nossas diferentes situacionalidades, modos de vida, entre outros... Grupos e coletividades são pensados aqui, por isso, como o oposto do homogêneo, compreendendo que o grupo é o local da emergência da diferença, da dissonância e de outras tantas sintonias (imprevistas). As práticas grupais interagem com as formas de pesquisar e, num cenário em que olhamos para as coletividades, podemos também conhecer que metodologias estão disponíveis para operacionalizar ou agenciar tais práticas.

No “começo do século”, ou, no começo dos anos 2000, estávamos contaminados de uma espécie de “vírus de grupo”<sup>4</sup>. As ruas de grandes cidades nas Américas e na Europa estavam tomadas por um movimento anti-globalização produzindo efeitos bem concretos nas práticas artísticas e políticas no período, retomando a política não como tema, mas algo a ser trabalhado eticamente, no cotidiano dos fazimentos artísticos.<sup>5</sup> Houve momentos, portanto, na(s) história(s) da arte brasileira nos quais nos dedicamos mais a produzir – e pesquisar – sobre agenciamentos coletivos.<sup>6</sup> Minha prática de pesquisa e artística vem sendo alimentada por estas bases há algum tempo.<sup>7</sup> No começo dos anos 2000, a emergência por pensar em processos coletivos nos fez trabalhar em diversas redes, organizando festivais, trocando

experiência, afetando-se mutuamente e compreendendo de que forma produzíamos situações parecidas em lugares diferentes do país. Em seguida estaríamos mais tomados pelo conceito de “comum”, alinhavando as críticas necessárias à penetração dos mercados no estado, e buscando algo que fosse além da esfera pública. Com as redes de conhecimento livre e tecnologias livres pensávamos a produção de mídias, tecnologias, saberes que pudessem resistir aos modos de valoração do capital, e estivessem agenciados por uma espécie de partilha – em comum. (Vasconcelos, Wells, Ribas, 2020).

Voltando a especificidades da universidade, ao passo que a orientação no âmbito da formação acadêmica passa pela relação indivíduo-indivíduo (orientador-orientado), ela também é atravessada pelo coletivo a todo momento. Como nos apresenta Regina Benevides de Barrós (1994, 2009), em sua extensa pesquisa e experiência com grupos no âmbito da psicologia social mas também em práticas transversais, a partir de uma condição grupal se podem abrir conexões, inaugurar diferenciações e multiplicar agenciamentos coletivos (na lógica das multiplicidades não identitárias ou individualizadas). Mas os grupos não são separados, ou orgânicos às instituições. Eles constituem dinâmicas dentro e através de práticas institucionais. Um de (meus) autores de referência, Félix Guattari, foi um entusiasta das estratégias que pudessem operar contra a alienação na produção de agenciamentos grupais a partir de arranjos institucionais.<sup>8</sup> E como disse Jean Oury (2009), que o convidou para atuar juntamente na Clínica La Borde, em seus seminários na Clínica Saint Anne, que a análise em grupo, ou a assembleia, procuram trabalhar contra a alienação.

[4] Este é o título de um texto que se tornou referência em nossas leituras nas disciplinas de processo grupal, de Ricardo Basbaum (2012).

[5] Gosto muito de acompanhar o processo do grupo E.I.A. Experiência Imersiva Ambiental (de São Paulo), em como surgem como um coletivo artístico que, inicialmente, produz obras de arte e intervenções e pouco a pouco vai se transformando numa espécie de dispositivo coletivo de pesquisa, de relação com a cidade e sua população, e passam a realizar festivais acolhendo outros grupos e artistas do Brasil.

[6] Minha dissertação de mestrado trabalhou estes temas, e ainda, o conceito/ prática de arquivo.

[7] Com o Arquivo de emergência (2005-2012) e logo depois o Desarquivo.org (2011-) me dediquei a compreender o momento presente, a produção da minha própria geração, a partir dos agenciamentos da arte em espaço público e em coletividade, contexto de onde emergem diversas formas de pensar a esfera pública, a participação política, os grupos, os processos coletivos, as instituições e mais.

[8] É a partir da compreensão da importância da processualidade nos processos criativos em ambiente psicoterápico, encontrada na teoria de Félix Guattari (filósofo e analista francês, 1930-1992), que desenvolveu aquela tese e inaugurou novos caminhos. Tese defendida em 2017, Goldsmiths College University of London, Bolsa Capes Doutorado Pleno no exterior.

O Coletivo seria, talvez, uma máquina de tratar a alienação, todas as formas de alienação, tanto a alienação social, coisificante, produto da produção, como a alienação psicótica. É evidente que é preciso que haja em algum lugar – se quisermos verdadeiramente pôr em prática algo de eficaz no plano da psicoterapia das psicoses – uma máquina que possa tratar da alienação.” (Oury, 2009, p. 39)

Para Guattari e Rolnik, trabalhar na perspectiva do grupo (e na análise como assembleia coletiva em grupo) inauguraria um espaço para “captar ritmos próprios e sensibilidades particulares” (Guattari e Rolnik, 1986, p. 300), ou seja, inaugurar um tipo de espaço no qual se possa não apenas produzir (palavra estressada pela pressa produtivista), mas colocar-se disponível, perscrutar, esperar e incitar a emergência de processos estéticos e sua produção de sentidos. Criar espaço para a emergência do desejo. Afinal, isto também é produção. Como resposta àquele questionamento sobre de que lugar eu poderia ocupar em um agenciamento que cria grupos no ambiente institucional e na urgência de um mundo infra-pandêmico, minha pesquisa precisava esticar sua capacidade de dar “passagem”<sup>9</sup> ao desenvolvimento de metodologias coletivas de produção artística e de pesquisa que pudessem responder e fizessem sentido para a singularidade das experiências dos alunos e pesquisadores, no âmbito universitário e transdisciplinar e de suas vidas coletivas. Ancorados pela trajetória da cartografia que funciona como metodologia que incita e também acompanha efeitos transformativos.

O trabalho de grupo é, para Guattari, eminentemente pragmático, o que ele chama, na gramática da análise institucional e da transversalidade, de uma “perspectivização pragmática de [uma] eficácia ontológica” (1992, p. 109), o que quer dizer uma ontologia do presente, da subjetivação em devir, compreendendo ontologia como forma de

pensar o que nasce aqui e ali, mas não de maneira universal e nem todo lugar. Escrever sobre as formas que produzimos arte e pesquisa, sob as “poéticas no contágio” é urgência de partilhar o acontecimento daquilo que se pode chamar de “máquinas pragmáticas” (Watson, 2009, p. 53) e multiplicitárias em um momento no qual fomos coagidos a levantar e partilhar ferramentas conectivas, de cuidado, das mais diversas ordens, por fora dos automatismos de nosso cotidiano, e colocá-las em prática, no âmbito da manutenção da vida em meio a tantos atropelos (dos nossos modos de existência *bajo el capitalismo*).

\*

Final de Dezembro de 2019, recebemos as primeiras notícias de um novo vírus descoberto na China<sup>10</sup>, que logo chegaria à Itália, onde vive minha irmã e família. Acompanhamos, semana a semana, a confirmação de um confinamento que logo chegaria também para nós. Terceira semana de março de 2020 e entrávamos em confinamento sem saber quando sairíamos (e se sairíamos vivos). Um confinamento que inevitavelmente tornava explícito a forma de exploração de vários corpos, feminizados e racializados, grupos sociais cujas vidas, que não puderam evitar o risco de contágio, por serem os provedores de uma gigantesca indústria de serviços e cuidados. Discrepâncias e ficções científicas se concretizando nas telas de TV e nos celulares, ... e, logo eu, que nunca gostei de ficção científica teria que dar conta de viver essa pandemia sem ter tido muito preparo.

Com a chegada do novo vírus, atentos (ou apavorados!) entre espacialidades possíveis (e impossíveis), no contexto da pós-graduação confirmava-se que não estaríamos fisicamente numa mesma sala, nem nos mesmos corredores. E pouco a pouco fomos nos dando conta que nem aqueles que chegaram recém teriam conhecimento do prédio mesmo (novos mestrandos, doutorandos). A percepção da ausência de um café como espaço comum na minha

[9] O conceito de passagem é muito importante na obra de Guattari (1988) e Oury (2009), não vou discorrer sobre ele agora, apenas salientar que se trata de mais um conceito guattariano.

[10] Detectado em 21 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan na China. Existem suspeitas que o vírus teria escapado do Instituto de Virologia de Wuhan, outras hipóteses falam do mercado de comidas da cidade e uma relação interespecie que teria trazido o vírus para um humano. Uma cronologia do vírus está disponível aqui <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 20 abr. 2024.

[11] “Pimentalab é um laboratório transdisciplinar sediado na UNIFESP que atua em investigações sobre práticas de conhecimento, tecnopolíticas e lutas sociais. Constituído em 2010 por pesquisadoras/es, estudantes e ativistas, realiza atividades de pesquisa, extensão, formação e comunicação.” Disponível em: <https://www.pimentalab.net/pesquisa/> Acesso em: 20 abr. 2024.

[12] Livro homônimo lançado posteriormente a partir daqueles encontros. Disponível em: <https://www.tramadora.net/2021/12/08/lancamento-do-livro-zona-de-contagio/> Acesso em: 24 maio 2024.

chegada – em 2018, seria agudizada com a ausência de um lugar de encontro durante a pandemia. Como seria possível encontrar-se via inúmeros *meets*, *zooms*, e *jitsis* para conferências em vídeo durante o confinamento? Que qualidade de encontro seria possível “debaixo” do contágio?

Após as primeiras semanas, na qual vivemos uma espécie de congelamento ou choque traumático (inevitável), passei a acompanhar as iniciativas de um pesquisador e amigo que admiro, e que organizou as “Zona de contágio”, Henrique Parra, professor e pesquisador da Unifesp, a partir de seu grupo de pesquisa “Pimentalab<sup>11</sup>”, junto de Alana de Moraes e mais pesquisadores. Zona de contágio começou com encontros “fechados” para acesso público mas abertos para uma comunidade de pesquisadores e amigos. Participei de alguns encontros antes da transmissão no YouTube.

Com o começo da transmissão ao vivo no youtube, reunindo alunos e pesquisadores da Unifesp assim como quem mais tivesse interessado e disponível, a lógica de funcionamento de uma assembleia ampliava-se. Uma assembleia *online*. A experiência do agenciamento coletivo por parte dos organizadores, contudo, vinha de antes do confinamento.

Vindo de largas experiências com organização, coletividade, temas urgentes das nossas vidas nas cidades, quando encerramos em casa com a pandemia, o grupo de pesquisa – munido de tecnologias para tal – foi rápido em organizar uma iniciativa, que desse conta de fazer pensar esse “fenômeno planetário capaz de conectar nossos corpos, alimentação e respiração, nossas formas de trabalho e de vida metropolitana” (Moraes e Parra, 2021, p. 22). Foram realizados mais de dez encontros *online*, e ao final foi editado um livro.<sup>12</sup> Os autores escreveram no livro:

Em nosso grupo de pesquisa — pimentalab — havíamos elaborado um programa de investigação para dar continuidade ao *Laboratório do Comum Campos Elíseos — tecnopolíticas do fazer-bairro*, realizado em 2019, e nos preparávamos para oferecer um ciclo de formação na Casa do Povo, em São Paulo. Durante esse laboratório estávamos interessados em pensar sobre práticas coletivas de fazer-cidade a partir de questões sobre a tessitura de confiança que sustenta territórios e que poderia fazer frente às renovadas tecnologias extrativistas racializadas e militarizadas de produção de valor que hoje marcam as dinâmicas de financeirização e securitização do tecido urbano. Enquanto partíamos em uma deriva coletiva de investigação nessa zona central da cidade de São Paulo e seu mapa de conflitualidade, nos parecia importante considerar o que traziam nos corpos as pessoas que decidiram participar conosco daquela empreitada de pesquisa coletiva e ação. (Moraes, Parra, 2021, p. 12-13)

Um dos temas cruciais a ser atacado pelo grupo seria pensar a duplicidade do dispositivo de conectividade, visto que permitia a relação mas também poderia ser uma ferramenta de controle. Uma das percepções partilhadas pelo grupo era essa, a de que os artefatos que tomávamos recurso, quase que de maneira emergencial, estavam tanto garantindo uma produtividade da qual não poderíamos abrir mão (afinal, durante a pandemia não organizamos uma greve do trabalho...), assim como o uso da mídia também se tornava um modo de mapear nossos comportamentos, modos de dizer, rostos, vozes.<sup>13</sup> Uma das intenções era então

...insistir na manutenção da abertura do acontecimento pandêmico em sua força apocalíptica (revelação), fazendo reverberar o modo complexo de funcionamento de nossas sociedades que hoje não podem ser pensadas sem suas longas redes sociotécnicas, seus artefatos e a relação entre humanos e outros que humanos. (Moraes e Parra, 2021, p. 20)

[13] Moraes e Parra citam Achille Mbembe, quando diz “pura matéria e energia e a ampliação de uma rede de vigilância em massa capaz de deter informações minuciosas sobre pessoas e relações. Trata-se de, cada vez mais, conduzir a circulação, expandir a legitimidade das práticas securitárias em nome de uma “segurança geral” (MBEMBE, 2014).



Após anos conduzindo assembleias e reuniões em espaços públicos,

Decidimos redirecionar nosso trabalho de pesquisa para habitar essa situação a partir dos limites da forma-metrópole, pois muitos dos problemas que estávamos investigando no Pimentalab e nas experimentações da tramadora ganharam maior evidência com a crise provocada pelo Covid-19 nas tramas do neoliberalismo neocolonial. (Moraes e Parra, 2021, p. 15)

Mas aquela convivência possível, inaugurada pelos dispositivos plugados na eletricidade e na internet, pedia, também, novas formas. Afinal, estávamos ansiosos, apreensivos, confinados. A relação social via dispositivos não era apenas “trabalho”, ela se tornaria também nosso modo de estar próximo e acompanhar as vidas uns dos outros. Nossa exaustão diante das telas precisava ser repensada, era urgente *experimentar* na frente das telas.

O quarto encontro on line organizado pela Zona de Contágio se chamou “Ciclo de Conversações Febris #4 - Respirar: Uma ciência dos contagiosamente vivos”<sup>14</sup>. Nele, Marina Guzzo, também professora da Unifesp, da área da dança, no minuto 12 do vídeo conduz uma dinâmica na qual todos os presentes são convidados a fazer três respirações profundas e em seguida falar durante dois minutos sem parar. Todas as câmeras abertas e todos os áudios abertos geram um fluxo intensivo que nos dá a corporalidade daquelas presenças simultâneas. Sou tomada pela percepção de que estamos todos em volta de uma mesma mesa, como num bar... mas não, são janelas. Estamos lado a lado, (quase) da mesma forma como poderíamos abrir as janelas de casa, respirar um ar fresco e acenar, sorrir ou contar uma pequena narrativa, ou cantarolar uma música para nosso vizinho ao lado. “Experimentações políticas, investigações insurgentes.” Inaugurou-se uma maneira de sentir que “estávamos juntos”.



Figura 1. Capturas de tela de algumas das telas dos participantes do Zona de contágio #4 - Respirar: Uma ciência dos contagiosamente vivos, em dinâmica conduzida por Marina Guzzo. Registros realizados pela autora.

Os encontros *online* do Laboratório Zona de Contágio eram também uma forma de procurar modos de expressão em meio a uma hiperfuncionalização de nossas presenças, via telas, via instituições que nos mediavam - e nos controlavam. Nossos filhos em casa aparecendo nos cantos das telas, perturbando e transformando aquele momento, a escola online (os que já tinham, e outros tantos a definir, e a imensa maioria sem escola...). Com a urgência da experimentação ficava evidente que os diversos modos expressivos diante e através das telas produziam também arte – ou experiências estéticas, de diversas formas.

Sem dúvida, a pandemia nos trouxe de várias maneiras e com formulações distintas aquela pergunta clássica “o que podemos fazer?”, ou “o que há para fazer?”, pergunta com a qual o Coletivo Tramadora agenciado por Parra, Alana, Schavelzon, Tibile e mais, performava há muito tempo em seus processos formativos e de organização política. O encerro em casa (aqueles com o privilégio de) deveria ser capaz de mobilizar, também, as inquietudes de nossas produções artístico-políticas, ou “ações estético-políticas” (Vasconcellos, Pimentel, 2023), afinal, a pandemia expunha os insucessos e os fracassos de um estado de mundo (e a sobrecarga dos cuidados, do trabalho reprodutivo, do trabalho das mulheres). O trabalho acadêmico, de empregados ou precários, guardadas as diferenças, estava desafiado a realizar sob confinamento e mediante a imposição da comunicabilidade remota (das grandes corporações de comunicação e internet) a continuidade de nossos processos de ensino e pesquisa, de nossas pedagogias críticas, formadoras e transformativas. A pandemia nos demandava pensar coletivamente, ecologicamente, socialmente entre outros, o fato de que, querendo ou não, estamos implicados uns nas vidas dos outros.

\*

O programa da disciplina que eu havia concebido ainda em 2019 planejava um espaço para a discussão de problemas cruciais que a pandemia tornava explícito. Dentre tantas novidades que a pandemia inaugurou (lembrando que não sabíamos quando ia acabar), a disciplina de fato só começou em Junho de 2020, alguns meses após o confinamento. A turma veio grande, quase 20 alunos, entre alguns que já tinham frequentado aulas anteriores minhas e alguns que tinham recém entrado na pós-graduação, via E.R.E. - Ensino Emergencial Remoto. No semestre seguinte ofereci mais uma disciplina, que chamei de *Processo Grupal e Produção Estética*. Estes encontros se tornaram, durante o isolamento, um importante espaço de socialização e cuidado mútuo. Em uma das disciplinas participaram alunos da UFAM, da região da Amazônia, uma das mais afetadas pela pandemia de covid-19. Os relatos dos colegas de lá partilhavam uma realidade muito difícil. Não sabíamos se o presente vivido por lá era nosso futuro ou nosso passado, assim como meses antes eu projetava a realidade de minha irmã na Itália à chegada do vírus “abaixo do Equador”. Nos encontros semanais, um pesquisador conta da perda de diversos colegas servidores públicos para o vírus da covid-19. Perdas extremamente recentes. Contar, narrar, chorar, tudo fazia parte de um tempo presente em meio a aulas de pesquisa em artes visuais. Tínhamos, sem dúvida, muito material para trabalhar... O programa da disciplina congregava leituras de meu doutorado, que, defendido no exterior, ainda me pedia para literalmente traduzir e apresentar descobertas, conexões, ativar transversalidades. O conteúdo da disciplina também era atualizado por temas que interessavam aos alunos e emergências que precisavam ser agenciadas ali, como as epistemologias situadas, feministas, decoloniais. A ementa detalhava:

Diversas formas de processo grupal constituem a produção artística contemporânea, seja na forma de coletivos de arte, espaços e ateliês comuns, experiências estéticas e curatoriais várias, ou em conceitos que vêm sendo adaptados, atualizados e replicados como arte com participação social e arte de base comunitária. Movendo-se pouco mais além, o objetivo desta disciplina é estudar formas de pensar, produzir (e/ou 'provocar'), analisar e agenciar grupos não apenas nas práticas artísticas contemporâneas, mas nas mais diversas formas de coesão social. (Parte da ementa da disciplina oferecida por mim, modo ERE, 2020/01)

Lemos diversos textos tanto de filosofia política como de artes e olhamos juntos para experiências artísticas que trabalhassem o problema do grupo na atualidade (Marisa Flório César, Ailton Krenak, Donna Haraway, Companhia Teatral Ueinzz, Jean Oury...). Desenhamos juntos em inúmeras lousas em espaço virtual, anotando e diagramando juntos, como forma de partilhar apontamentos em um fórum comum. A partir da lousa se pensavam relações entre temas, interesses, produções artísticas e de pesquisa. A “cartografia como método de pesquisa” (Escóssia, Kastrup, Passos: 2009), desenvolvida a partir das pesquisas nos estudos da subjetividade (e transversal a tantas práticas, inclusive às artes) seguiria servindo como ferramenta formativa capaz de acolher as “mudanças de direção” de um modo de produção, um método errante, experimental e inventivo, conectado com o seu presente. “Produzíamos” debaixo da confirmação da tecnologia como instrumento de governo, de que seguiríamos trabalhando, e à revelia de que nos encontrávamos com um dos limites concretos de nossa existência, como projeto comum de humanidade. Sem encobrir impasses, precisávamos criar condições para o que pudesse ou precisasse ser inventado.

Para mim, pessoalmente, a produção de Guattari seguia como uma linha gerativa e “incitativa”, das conexões que precisávamos

fazer diante da novidade de um vírus que nos pedia diversas reconfigurações. Na coletânea de textos “Suaves Subversões” (*Soft Subversions*) encontramos o texto em que ele fala como uma coerção capitalista e produtivista “incide sobre o funcionamento básico dos comportamentos perceptivos, sensoriais, afetivos, cognitivos, linguísticos”, e como eles são “enxertados na maquinaria capitalista” (2009, p. 262, tradução minha). Guattari atenta para a eficiência de um funcionamento que literalmente nos programa “por dentro”, “normalizando-nos”. “A alienação por meio de imagens e ideias é apenas um aspecto de um sistema geral de escravização dos seus modos fundamentais de semiotização, tanto individuais como coletivos.” (idem) Imersos na pandemia, era necessário estarmos atentos a tais percepções tentando não permitir uma normalização que nos anestesiasse para aquela experiência coletiva (e global) e, afinal, mais uma afirmação dos diversos “fins de mundo” no qual já estamos metidos.

No semestre após a segunda disciplina, a meio caminho do ano de 2022, a partir de um grupo de afinidades, desejando ampliar o espaço de troca que surgiu “dentro” das disciplinas da pós-graduação, propus a um grupo de pesquisadores de mestrado e doutorado do programa de pós que organizássemos um seminário como ação de extensão. Um dos objetivos principais era que fosse antes um espaço para “descansar, conversar, conhecer, respirar”. *Assim surgiu o Seminário Poéticas no Contágio*<sup>15</sup>, com quatro encontros *online*. A coordenação foi minha, co-organizado por Ana Alice, Anelise Valls, Camila Leichter, Cristiano Sant’Anna, Erica Saraiva, Lucas Icó, Manoela Cavalinho, Márcia Braga e Rochele Zandavalli. Entre as datas de 11/06 a 16/07 de 2021 nos encontramos on-line para conversar com coletivos de arte e de pesquisa, artistas e pesquisadores de outras áreas do conhecimento.

[15] Ação de extensão vinculada ao projeto de extensão, Historiografia feminista na arte: tendências e impasses, Coordenado pela prof. Dra. Daniela Kern. Os vídeos podem ser encontrados no canal: <https://www.youtube.com/@PoeticasNoContagio>. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/ppgav/pt\\_br/event/seminario-poeticas-no-contagio-organizada-por-um-grupo-de-pesquisadores-do-ppgav-ia-ufrgs/](https://www.ufrgs.br/ppgav/pt_br/event/seminario-poeticas-no-contagio-organizada-por-um-grupo-de-pesquisadores-do-ppgav-ia-ufrgs/). Acesso em: 20 de maio 2024. Infelizmente, o vídeo do primeiro encontro se perdeu entre inúmeros drives e backups. (2022, p. 22).



[...] poéticas no contágio é uma série de conversas nas quais queremos compartilhar processos coletivos e grupais e produção estética (artes, processualidades artísticas, modos de expressão, performances, ações, etc.) pensando o contágio como forma de relação, conexão, presença. Partindo de uma crítica da orientação ao indivíduo no capitalismo patriarcal meritocrático de nossos dias, e analisando os processos de exaustão que isso implica, podemos pensar de que forma a atenção à grupalidade ou práticas e poéticas de contágio inauguram outras possibilidades de vida, de relação, de criação, e ou como afirmam posicionalidades contra/de/pós coloniais e antirracistas, que valorizam e afirmam epistemologias diversas. Numa mirada para as coletividades, podemos perceber como processos estéticos são constitutivos de uma multiplicidade, nos desdobramentos e desdobramentos do eu em uns, muitos, múltiplos.

os palestrantes são convidados a compartilhar experiências ao redor das grupidades, coletividades, comunidades (ou da dificuldade de instituir ou experimentar comunidades) e pesquisas que fomentam – para que juntos possamos ver como funcionam para isso e aquilo, o que inauguram, como arrastam estruturas instituídas, atçam a diferença, e também como friccionam a relação com espaço e o tempo (e as limitações que a pandemia coloca ou evidência). Suas contribuições partem de várias práticas, das artes e da curadoria, da psicologia social e da psicanálise, do teatro e da performance e da comunicação e da antropologia. (Texto de apresentação do seminário)

Figura 2. Material de divulgação do Seminário Poéticas no Contágio. 2021.

um espaço para descansar conversar conhecer respirar



# poéticas no contágio

**11 de JUNHO a 16 de JULHO de 2021**  
**toda 6af, às 16 ou 17 horas**

Inscriva-se para receber o link para a sala virtual

UFRGS . PPGAV . Instituto de Artes . Apoio



edição 22 junhu de 2024

Cristina Thorstenberg Ribas

Relato de experiência recebido em 01 jun. 2024 e aprovado em em 15 jun. 2024

[16] Uma das pesquisadoras, então doutoranda no momento, Anelise Valls, propôs que chamássemos o seminário de “ovulário” por alusão à energia gerativa de um sistema reprodutivo feminino, e em relação à sua pesquisa sobre a obra da artista brasileira Lygia Clark.

[17] “Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus” Disponível em: {<https://jornalistaslivres.org/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-coronavirus/>} Acesso em: 09 maio

Ao propor um espaço de seminário como ação de extensão – aberto ao público em geral, e se valendo das redes digitais para acessar e “abrir janelas” com pessoas não vinculadas à pós-graduação do Instituto de Artes, o seminário (ou seria um ovulário...<sup>16</sup>) se tornou um espaço transversal à formação dentro do programa de créditos obrigatórios. Com eles pudemos experimentar e agenciar conversas e cruzamentos entre temas, desejos, inquietações. O espaço de organização do seminário seria também uma experimentação entre nós, de modo que pudéssemos deixar “brotar uma criatividade do grupo” (Guattari, 1987, p.94).

Abordar o contágio como modo operativo era uma forma de endereçar, diretamente, aquilo que mais evitávamos – o vírus. Ao passo em que o contágio estatisticamente aumentava, conectando partes díspares do globo, e fazendo emergir um vírus comum em “todo e qualquer canto”, pudemos tentar relembra a velocidade com que surgiam análises – das mais diversas áreas – a elaborar coletivamente e por diversas abordagens aquele fenômeno de efeitos devastadores. Entre eles, tomamos as conceituações de contágio e da análise das relações interespecies, inaugurando mundos com percepções mais complexas que as meramente “humanas”. O vírus nos chamava a assumir a nossa co-existência com aquilo (tudo) que é mais-que-humano. Assim passa a circular a história de “nisun”, que nos faz pensar no vírus:

Os Huni Kuin do Acre e do Leste da Floresta Amazônica Peruana compartilham com muitos outros povos indígenas da região uma filosofia de vida que poderíamos chamar de ecosófica e que atribui a maior parte das doenças ao fato de comermos animais. As pessoas adoecem porque a caça e os peixes, mas também algumas plantas que consumimos e outros seres que agredimos ou com os quais interagimos, se vingam e mandam seu nisun, dor de cabeça e tonteira que pode resultar em doença e morte.<sup>17</sup>

Para realizar tais encontros e abordar estas complexidades, convidamos o Coletivo Contrafilé (Joana Mussi e Cibele Lucena, artistas e educadoras), Beatriz Lemos (curadora, organiza a plataforma Lastro, naquele momento curadora adjunta do MAM-RJ), Lapso - Laboratório de Arte e Psicologia Social (Grupo de pesquisa da UFPEL), Ana Goldenstein Carvalhaes (artista da performance, psicanalista, Companhia Teatral Ueinzz, SP), Henrique Parra e Alana Moraes (Pimentalab/Unifesp e Tramadora), Newton Goto (artista e ativista cultural, pesquisador e doutorando no PPGAV IA UFRGS)<sup>18</sup>.

Ao escutar artistas e pesquisadores naquele momento de continuidade de contágio, estávamos buscando ampliar nossa coletividade de conversas, nossas redes de pensamento. E quisemos escutar também para repensar os possíveis da arte – e das coletividades – com os limites e questões que se apresentavam. Ao longo dos encontros anotávamos coletivamente em uma lousa digital (Figura 4). Do primeiro encontro, com o Coletivo Contra-filé surge

Desordenar a ordem, rebelião do corpo,  
medo (que medo é este?), espaço público,  
ditadura, descatractalização da vida,  
crianças marginais, cárcere, mães externas,  
devir, força, dispositivos, colaboração,  
cartografia, ocupação incorporada, árvore-  
escola, olhar o próprio olhar, balanços e  
viadutos, ... poder viver o luto e enterrar  
os mortos, tudo o que pulsa é vida, é  
escola, o que pode ser poesia agora?

[18] O encontro com Newton Goto não aconteceu por dificuldades de agenda.



Figura 3.

# Apresentação performativa do grupo de

pesquisa LAPSO, Psicologia, UFPEL

O grupo apresentava imagens que foram

enviadas previamente pelos participantes

antes do encontro online

Acima:

diagrama do

projeto Uri Keve de Lucas Icó;

abaixo:

diagrama do projeto Museu de Resgates de

# Cristiano Sant'Anna

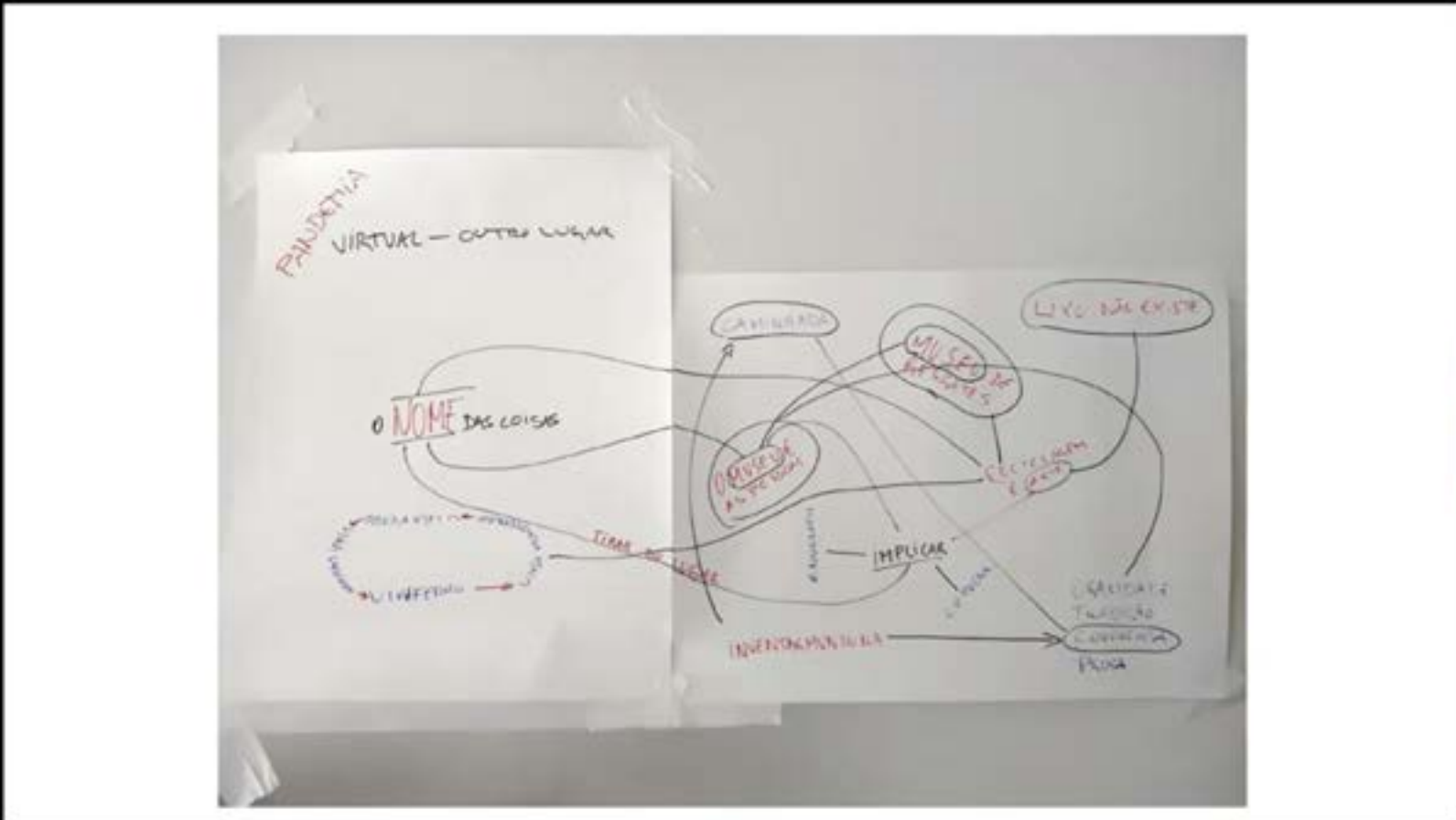
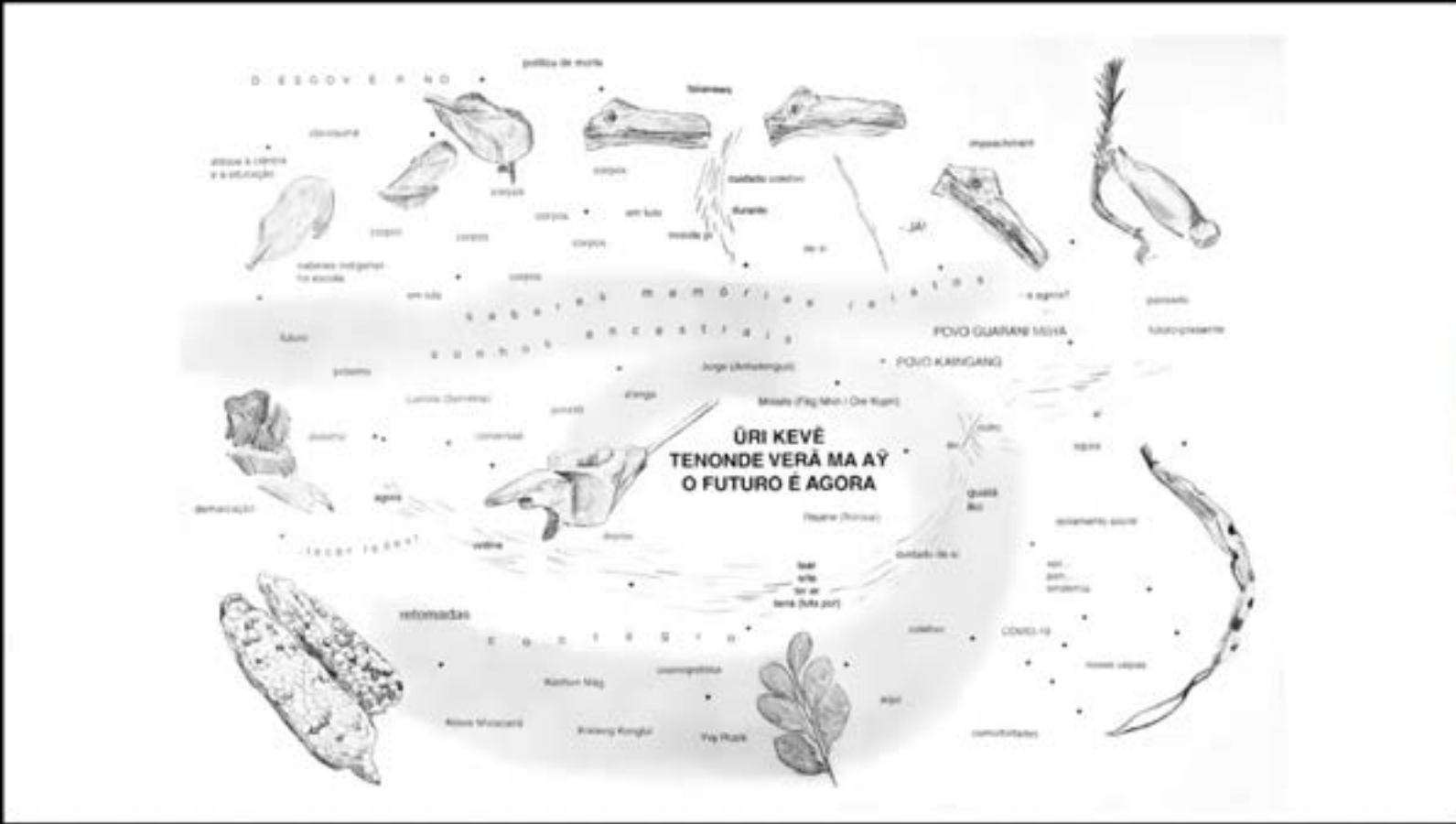






Figura 4. Lousa digital Miro que compartilhamos ao longo dos encontros.  
Na imagem, print do primeiro dia, da conversa com o grupo Contra-filé. Fonte: da autora.

Alguns meses depois, ao elaborar o relatório do seminário e o relatório anual de pesquisa (assim como os memoriais, para concurso, e as novas submissões de projeto de pós-doc...), ao listar o seminário *Poéticas no contágio* começo a discorrer sobre seu acontecimento e percebo que é necessário escrever *mais* sobre o que aconteceu. Entre as demandas formais do trabalho acadêmico, entendi que era necessário elaborar e externalizar aquele procedimento coletivo.

Os textos dos relatórios geralmente figuram como personagens secundários ou mesmo nem são acessados publicamente e, evidentemente, faz sentido dividir aquilo que escapa... Um fragmento “mais burocrático” do texto do relatório falava:

O seminário cumpriu com seus objetivos, reconhecendo as limitações dos seminários *online* e o pouco engajamento que pode decorrer desse formato. Cumprimos os objetivos na partilha dos saberes e na realização de uma atividade que trouxesse a experiência de áreas diversas às artes e sua contribuição ou pensamento sobre processos grupais, coletivos, políticos e estéticos. Contudo houve de certa forma baixa adesão dos alunos da própria Pós Graduação que ofereceu a atividade. Compartilhar os vídeos desse seminário no canal do PPG no Youtube seguramente vai amplificar essa ação de extensão para mais pessoas que não puderem estar presentes no momento de seu acontecimento. (Relatório de ação de extensão, 2022).

O exercício da escrita inicialmente qualitativa, fez emergir uma vontade de escrita e instigou transformar o relatório em análise, em artigo, fazendo migrar modos reflexivos e narrativos entre o relatório, o projeto (de pesquisa), e o acontecimento – ou seja, os encontros, as conversas, os desenhos partilhados, e também, claro, as angústias, os não-saberes, os novos caminhos que se inventa juntos. Encontrar a vontade de contar mais, também como maneira de manter ativa aquela experiência, buscando apresentar, talvez, aquilo que é mais interessante no processo.

Interessante pontuar que é a alternância entre modos textuais que é um dos elementos ou forças que faz com que aquilo que é considerado “conteúdo” na ciência apresente novidades – assim como, a emergência da subjetividade na produção de conhecimento. Refiro-me ao que analisou e partilhou René Lourau (1993) em sua produção (e suas aulas). O que emerge do diário do pesquisador, que antes era dado mais subjetivo ou sensível (e era colocado literalmente em outro diário, que não o científico), e se torna singularidade do olhar, e pode perceber outras coisas que passarão a inferir novas percepções para a ciência. E eu queria poder dizer mais, melhor ainda amparada pela literatura da análise institucional.

As condições sob as quais estávamos juntos eram criadas encontro a encontro. Partilhávamos de algum “devir em ato”, um investimento coletivo de fato. Ressoando com o que pontuou Roberta Romagnoli (2006) “o devir em ato” nunca é hegemônico. Ele depende de uma “minoria íntima”, que cada um/uma de nós deve descobrir, algo que “não se curva aos microfascismos que fazem parte de nossa subjetividade, àquilo que não cabe em lugar nenhum, que dá desassossego.” Numa operação de tráfico de saberes, entre a prática clínica e o processo artístico e estético, entre tantas anotações que não deixo desaparecerem, faz sentido palavras de Romagnoli para pensar aqueles encontros:

Essa parte menor da nossa subjetividade nos permite decidir não ser um trapo existencial, mas sim ter um modo de clinicar e de viver que expresse a potência e o desejo, deixando, dessa maneira, a vida exceder-se. Refletir, criticar, analisar o que estamos fazendo com nosso poder de terapeuta, abrir-se para os afetamentos. Estar atentos às pequenas “almas” que nascem entre nossos encontros são alguns dos dispositivos para gerar novas formas de expressão, em nós mesmos e em nossos clientes. Resistir para inventar. Isso é o que a clínica exige hoje de nós. (Romagnoli, 2006, p. 54-55)



Esse devir em ato, essa inauguração de um espaço de emergência, ressoa também com um “inconsciente em ato”, conforme enunciado por Guattari. Mesmo sob várias limitações, partilhávamos de um espaço de investimento em que nossas iniciativas artísticas e coletivas, clínicas, e da psicologia social pudessem ser encontradas e conhecidas com aquela mesma intimidade de quem acompanha algo nascer, as “pequenas almas”, como disse Romagnoli. E neste rizoma de práticas, cabe pensar a ressurgência ou a eficácia do dispositivo analítico junto da produção destas cartografias. Em *O Inconsciente Maquínico* (1988), Guattari escreve que “o processo analítico – individual ou coletivo –, pela sua própria natureza, será implicado pelo seu objeto”, ou seja, seu estatuto posto em cheque pela relação de atualização constante entre subjetividade/objetividade.

Conforme seus riscos e perigos, uma pragmática analítica deverá fazer escolhas micropolíticas, optando, por exemplo, pela aceleração ou diminuição de uma mutação interna do agenciamento para facilitação ou enfreamento de uma transição interagenciamento. Uma cartografia esquizoanalítica, antes de fornecer indefinidamente os mesmos complexos ou os mesmos 'matemas' universais, explorará e experimentará um inconsciente em ato. (Guattari, 1988, p. 178)

Com estas ferramentas em mãos, estávamos ativos numa máquina de acontecimentos, curiosos e desejosos sobre o que pudesse surgir.

Em um dos encontros, mediado por Manoela Cavalinho e com apresentação de Ana Goldenstein Carvalhaes, após a fala de Ana sobre o trabalho da Companhia Teatral Ueinz, uma espécie de performance coletiva começa a acontecer diante do silêncio (e da escuridão) que vai tomando conta das nossas casas (e de nossas janelas pandêmicas). A fala de Ana tinha sido sem a apresentação de imagens, apenas conversamos, e ela nos contou e construiu diversas imagens. Com o espaço para perguntas que se sucederam, o silêncio surgiu, e os olhos curiosos para cada acontecimento criaram

condições para a emergência de algo.<sup>19</sup> Estávamos impressionados com as cores na casa-atelier de Ana Alice (Cunha, 2021), ela vinha experimentando o espaço de sua casa há algum tempo, com luzes coloridas, tecidos brilhantes e transparências. Como avaliadora eu acompanhava o desenvolvimento de seu mestrado e, coletivamente, acompanhávamos o movimento dos objetos no atelier-casa. Em outra janela víamos o sol que se punha, o brilho no canto do céu mais ao sul, e árvores. Escurece, e por alguma razão começamos a apagar as luzes. Com as janelas de nossas telas escuras, as bordas começam a se “emendar”:

- Parece que a gente tá em outro lugar agora né?
- É, né, parece.
- Eu tô me sentindo lá no Édio, quem são nossos vizinhos agora?
- As telas que tão escuras, parece que tão juntas. Estão juntas.
- Será que a gente finalmente está no mesmo espaço?
- Você tá sem áudio, Dani.
- Sempre né. Falo com o microfone desligado. Você tá no escuro, totalmente.
- Eu tava brincando aumentando a luminosidade, se coloca assim...  
(Pessoas que estavam com as câmeras fechadas abrem as câmeras.)
- Eu trouxe um osso aqui pra mesa, já que estávamos falando de antropofagia.
- Ah Manu, acho que vou te pedir esse osso emprestado. Eu tô precisando. Depois te explico por que.
- Eu tenho uma corda, se eu precisar traçar alguém para devorar, aí eu consigo amarrar a pessoa. Sabe onde tá a corda preta, H.?
- Tô vendo aquela amarela.  
(Uma participante aparece com uma lanterna, se desloca pela sala.)
- A câmera da Camila tava...

(As meninas começam a correr, uma de um lado, outra do outro da tela, ou será, em janelas distintas dessa vizinhança. Se afasta e se aproxima da câmera, como se fosse um fecho de luz de trem, que vem em nossa direção. Sua alegria nos contagia. Mantivemos os áudios abertos, assim podíamos nos escutar. Em outra casa já estava escuro. Com as câmeras abertas e a luz apagada, podíamos perceber o cair do sol em diferentes latitudes.)

[19] Vídeo completo disponível aqui <https://youtu.be/tYCgUjBhLEo>. Acesso em: 10 maio 2024.

Foi difícil acabar aquele encontro. A espacialidade partilhada das outras casas ampliava a nossa. E o silêncio nos acolhia, diferente do nervosismo que a máquina de ver e falar nos provocava na imensa maioria das vezes diante das telas pandêmicas (e antes e depois da pandemia). Talvez estivéssemos visitando alguma das imagens que Ana tinha compartilhado com a gente, como se sua fala tivesse nos induzido a um imaginar e performar coletivo.

Revimos as nossas “janelas” da pandemia como dispositivos vivos, como definem Rolnik e Guattari em *Micropolíticas: cartografias do desejo*, “pois permitem criar tanto estruturas de defesa, como estruturas mais ofensivas”. São “dispositivos que permitem aberturas e contatos impossíveis de se realizar em isolamento (quando se está isolado fica-se desprovido de meios e a tendência é dobrar-se sobre si mesmo, para se proteger)” (Guattari e Rolnik, 1986, p. 121). Abrimos nossas janelas, esticamos o olhar, os braços, a respiração, como foi possível. O brilho da lanterna, uma outra luz. A “poética no contágio” torna-se um conceito-disparador e ativa uma série de práticas, no qual emergem o impessoal e o coletivo, e diversos modos expressivos.



Figura 5. Apresentação de Ana Goldenstein Carvalhaes com mediação de Manoela Cavalinho.  
Fonte: da autora.



Figura 6. Apresentação de Ana Goldenstein Carvalhaes com mediação de Manoela Cavalinho.  
Fonte: da autora

Rememorar alguns daqueles diálogos propõe revisitar este acontecimento como invenção coletiva, a sua proposição de uma “poética no contágio” como uma espécie de “nota vital”<sup>20</sup> e que funciona como criação de vida mesmo. Assim emerge que a poética como proposição metodológica (ou anti-método), pode nomear tanto práticas artísticas como práticas que dividimos entre nós no âmbito da pós-graduação, em áreas distintas, em realizações modulam as formações mais ordinárias com o ímpeto de abordar problemas prementes do contemporâneo. Assim como vimos no Laboratório Zona de Contágio. Mas aquela poética não precisaria ficar “confinada” às telas. Restava saber se poderíamos levá-la depois, “de volta” para a sala de aula transformando-a num agenciamento poético *no* ou *do* contágio, ativando uma pragmática multiplicitária.

A poética parece que foi efetiva, em parte, em reverter aquele dispositivo coercitivo, as telas. Se nossas caras eram a todo tempo mapeadas (“cabeças falantes”, escrevi em outro artigo, Ribas e Cobo-Guevara, 2020), precisávamos criar uma “dobra” ou muitas dobras, muitas outras janelas, em meio à obviedade das nossas vidas esquadrihadas por uma contagem diária, de nossos familiares, dos amigos, de quem temíamos perder. (E da segregação de classe e raça que se acirrava em meio à pandemia.) Negar aparecer na janela, um gesto mínimo, como fez também o grupo de pesquisa Lapso, com um surpreendente guarda-chuva cheio de rostinhos, e sustentar conversas que dessem conta de revirar nossas contradições parece ter sido um desvio daquele “consentimento passivo” alardeado por Guattari (2009, p. 262).

[20] Me lembro do texto de Cecilia Cavaleri que atrita com aquilo que é conteúdo “válido” para a pesquisa acadêmica. E escreve uma tese toda em nota de rodapé: ver o ensaio visual de Cavaleri, *Lactation, a plantation mamífera*, nesse dossiê.



Figura 7. Apresentação performativa do grupo de pesquisa LAPSO, Psicologia, UFPel. Fonte: da autora



Em uma troca de e-mails futura Manoela Cavalinho escreve:

*E eu adoro a inversão das coisas - (...) é como se a coisa só pudesse acontecer mesmo em um tipo de acaso, disponibilidade e risco. Isso a gente já sabia, mas a gente nunca sabe quando vai acontecer. Enfim, estamos vivos, com abraços. (Correspondência pessoal)*

Como parte desta aposta que nunca temos muita certeza de quando vai funcionar, o conceito e prática de “poéticas no contágio” produziu contágios futuros. Nas ABRAPSOs, os grandes encontros bianuais da psicologia social, organizamos em 2021 com João Maurício Farias, Édio Raniere e eu o GT Arte e Psicologia Social: poéticas do contágio e saberes ancestrais localizados;<sup>21</sup> e em 2023 o GT Arte e Psicologia Social: métodos inventivos, pesquisas híbridas e poéticas do contágio<sup>22</sup>, organizado por mim, Édio Raniere e Rodrigo Lages e Silva. Foi da organização daquele grupo de trabalho que surgiu a organização do Dossiê homônimo, aqui publicado na Revista Paralelo 31. Este investimento em metodologias participativas e transversais como fizeram as “poéticas no contágio” a partir da pesquisa em artes visuais fica como pista a ser investigada em um texto futuro, em como tais ideias, conceitos, imagens “secretam” ou produzem metodologias que podem ser replicadas, “devolvidas”, experimentadas em conjunto por outras práticas e áreas do conhecimento, assim a “poética no contágio” torna-se um conceito-disparador e inventivo.

E quanto ao final de uma pesquisa pós-doutoral... os relatórios que ficam fechados dentro de sistemas de informação, talvez cabem umas palavras com tom de “final”: finalizo meu estágio pós-doutoral com a memória amarrada do trânsito de diversas partilhas, uma espécie de projeto de construção de métodos e metodologias coletivas de pesquisa, que deem conta de analisar efeitos nas diversas epistemologias na produção do conhecimento, buscando a construção de práticas situadas e implicadas, e permitindo que os efeitos reverberem junto e para além do sistema das artes.<sup>23</sup> Criação de grupos, errantes, temporários, ... parentescos. Cartografias pragmáticas, coletivas que assumem a responsabilidade deste espaço formativo (e seu privilégio) - tanto nas artes, como nas psicologias, na comunicação, nas filosofias... de estabelecer pontos reflexivos e de experimentação sensível em meio à tantas (im)possibilidades, inaugurando janelas como vizinhanças afetivas, e transformativas.

[21] Texto de apresentação do GT na página do evento <https://tinyurl.com/4xjr73tf>

[22] Texto de apresentação no GT na página do evento: <https://tinyurl.com/f6ym49dk>  
Acesso em: 07 maio. 2024.

[23] No período do pós-doc passo a integrar e co-coordenar o grupo de pesquisa EAF – Epistemologias Afetivas Feministas, junto a Caroline Marim.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, Ricardo. Em torno do “vírus de grupo”. **Revista Lugar Comum** (ECO / UFRJ), n. 30 de 2012, (p. 135-146).

CUNHA, Ana Paula da. **Luxfagia**: um modus operandi instaurativo. Dissertação de Mestrado. PPGAV/IA/UFRGS. 2021. Disponível em {<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236274>}

ESCÓSSIA, L; KASTRUP, V; PASSOS, E. (org), **Pistas para o método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: Um novo paradigma ético-estético. Ed. 34, São Paulo, 1992.

GUATTARI, Felix. **Schizoanalytic cartographies**. London, New York: Bloomsbury Academic, 2013.

GUATTARI, F.; Lotriger, S. (ed), **Soft subversions**: Texts and Interviews 1977-1985 – Los Angeles: Semiotext(e), 2009.

Guattari, Félix; Rolnik, Suely. **Micropolítica** - Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARAWAY, Donna, Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) 1995: pp. 07-41.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007.

LAFUENTE, Antonio. “Elogio à potência cognitiva dos cuidados”. Tradução de Simone Paz Hernández. 19/05/2020. Disponível em: <https://www.tramadora.net/2020/05/19/elogia-a-potencia-cognitiva-dos-cuidados/> Acesso em: 24 maio 2024.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

PELBART, P.P. **O avesso do niilismo – Cartografias do esgotamento / Cartography of Exhaustion**: Nihilism inside out. São Paulo/Helsinki: n-1 Edições, 2013

RIBAS, Cristina T. “Ritmana.... Ritmanali... Ritmanalizações vo-ca-bo-lu-políticas”. **Revista Arte Contexto**, Verbetes da arte, v. 6, no. 15, Março, 2019. Disponível em <https://artcontexto.com.br/portfolio/ritmana-ritmanali-cristina-thorstenberg-ribas/> Acesso em: 24 maio 2024.

RIBAS, T. & Icó, Lucas. “Grupo: dispositivo:situação”. **Cadernos Desilha**, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/43431602/grupo\\_dispositivo\\_situa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/43431602/grupo_dispositivo_situa%C3%A7%C3%A3o) Acesso em: 25 maio. 2024.

RIBAS, T.; Cobo-Guevara, Paula. “Línguas sem posse - em direção a um inconsciente menor institucional”. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 44, jul-dez. 2020. ISSN 2179-8001. DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.110374>

ROMAGNOLI, R., 2006. “Algumas reflexões acerca da clinica social”. **Fractal, Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 18 - n. 2, p. 47-56, Jul./Dez. 2006

ROLNIK, S., 2011, **Cartografia sentimental**: Transformações Contemporâneas do desejo. Porto Alegre, RS: Sulina, Editora da UFRGS

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Ed. 34., 2002

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Tradução de Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

VASCONCELLOS, Jorge e PIMENTEL, Mariana (Coletivo 28 de Maio). **Coletivo 28 de Maio – arte e lutas minoritárias**. Coleção Teses e Ensaios Críticos. Edições PPGCA. Rio de Janeiro: PPCGA-UFF/Editora Circuito, 2023.

VASCONCELOS, Giseli; Wells, Tatiana; Ribas, Cristina; “Tactical Archives Cartography: Two Decades of Tactical Media and Art in Brazil Enhancing a Feminist Perspective” **A Peer-Reviewed Newspaper Journal About\_Research Networks** (APRJA), Volume 9, Issue 1, 2020 (Aahrus University, Denmark) (p. 82-94) ISSN 2245-7755. Disponível